

Dossiê:
História e
Palavra Impressa

Da escrita de “bastidores” à mensagem publicada: revistas culturais e correspondências na trajetória editorial de Francisco José de Oliveira Vianna

Giselle Martins Venancio¹

As revistas literárias e culturais cumpriram, na primeira metade do século XX, um importante papel como espaço de intercâmbio intelectual². Assim como os jornais, as revistas, por seu caráter de “obra em movimento”, de escrita mais efêmera que dos livros, serviram de “espaço de experimentação”, onde as idéias dos autores se ofereciam à discussão e se testavam permitindo a publicação de trabalhos

¹ Bolsista de Pós-doutorado Junior/CNPq (2006) e FAPEMIG (2007) junto ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais. Associada ao grupo de pesquisa *Brasiliiana: leituras e escritos da Nação*, sob a supervisão da professora Dra. Eliana de Freitas Dutra. Doutora em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde foi orientada pela profa. Dra. Andréa Daher. Durante o ano acadêmico 2000/2001, bolsista da Capes na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales (Paris), sob orientação do professor Roger Chartier. O presente texto é parte de sua tese intitulada *Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna (1883-1951)*, que contou com financiamento de bolsa de doutorado da Capes. Autora, entre outros, de *As flores raras do jardim do poeta*, Fortaleza: Secult/Museu do Ceará, 2006; Da escrita impressa aos impressos da biblioteca: uma análise da trajetória de leitura de Francisco José de Oliveira Vianna In: DUTRA, Eliana e MOLLIER, Jean Yves (orgs). *Política, Nação e edição. O lugar dos impressos na construção da vida política*. São Paulo: Annablume, 2006; De Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela História. In: GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

² VELLOSO, Mônica Pimenta. Cafés, revistas e salões: microcosmo intelectual e sociabilidade. In: *Modernismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, FGV, 1996, pp. 35-85.

ainda em curso e de obras em elaboração.

Bem como os demais espaços de trocas intelectuais, as revistas serviam de “(...) ponto de encontro de itinerários individuais sob um credo comum”³. Uma revista – escrita plural e coletiva – veiculava, ao ser publicada, uma proposta singular e reivindicava, em oposição a outras, uma “(...) nova cultura, uma nova estética ou uma nova orientação científica que ela significa[va] ou não sob a forma de um manifesto ou de um artigo fundador”⁴. Ao tornar-se pública, a revista tomava a aparência de um projeto consolidado, unido, minimizando, ou mesmo fazendo desaparecer, todo o processo que levava à sua organização e que, nos “bastidores”⁵, se caracteriza por disputas intelectuais e políticas. O exemplar publicado mascarava, de certa forma, o processo de criação e elaboração da “mensagem” veiculada.

Por isso, torna-se fundamental investigar os traços dos “bastidores” das revistas – a composição dos comitês de redação, a presença ou não de determinados nomes em seu corpo editorial e a identidade dos colaboradores – tendo em vista compreendê-las como mais um espaço de sociabilidade intelectual que, assim como os demais, serviam de lugar de concorrência e disputas.

Essa investigação, no entanto, é dificultada pela escassez de fontes que se referem aos processos de criação e publicação desses periódicos. Para desenvolver esse tipo de abordagem, podem ser considerados alguns tipos de fontes tais como os diários, as memórias de literatos e editores e as correspondências. Todas elas, fontes fragmentárias e dispersas, tanto mais por serem características, principalmente, de arquivos privados pessoais, de difícil

³ PLUET-DESPATIN, Jacqueline. Une contribution à l’histoire des intellectuels: les revues. In: *Sociabilités intellectuelles: lieux, milieux, réseaux. Les cahiers de L’IHTP*. CNRS, mars 1992, p. 126.

⁴ PLUET-DESPATIN, Jacqueline. op. cit, p. 129.

⁵ - Na opinião de Jacqueline Pluet- Despatin, (...) *une revue ne se réduit pas à son sommaire et celui-ci est le produit d’une intense e activité em coulisse*”. Por esse motivo, para investigar as redes de sociabilidade estabelecidas a partir de uma revista é necessário, segundo ela, conhecer os “bastidores” da publicação. Ver: PLUET-DESPATIN. op. cit: 127.

localização e, freqüentemente, não organizados e/ou fechados aos pesquisadores.

Ainda que seja também uma fonte difícil de se trabalhar, em função de seu caráter de “documento de complexo tratamento analítico”⁶, dentre as fontes citadas, as correspondências possuem um traço singular: elas portam os diálogos, as falas de editores e colaboradores, de solicitantes e solicitados, e são, por esse motivo, fontes privilegiadas para observar a intensa negociação que se estabelece em torno de um projeto editorial.

Francisco José de Oliveira Vianna⁷, como os demais intelectuais de seu tempo, publicou alguns de seus textos em periódicos literários e científicos. Assim seu arquivo privado pessoal⁸ registra, através de sua correspondência passiva, alguns dos convites recebidos por ele para colaborar em diferentes publicações.

Cartas solicitando artigos de Vianna ocupam um espaço significativo em seu acervo. Por esse motivo, pode-se sugerir que a solicitação de amigos e editores foi, muitas

⁶ GOMES, Ângela de Castro. *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro, FGV, 2000, pp. 18-22.

⁷ Oliveira Vianna nasceu em Saquarema, no ano de 1883. Sexto filho de uma família de proprietários de terras, publicou, aos 37 anos, seu primeiro livro, concluído dois anos antes: *Populações Meridionais do Brasil*. Sua trajetória, até este momento, incluía a formação em ciências jurídicas e sociais, em 1905 e a docência de Direito Judiciário e Penal e de Direito Industrial, desde 1916, na Faculdade de Direito de Niterói. Mais tarde, Oliveira Vianna viria ocupar, ainda, diversos cargos na burocracia estatal, tais como, diretor do Instituto de Fomento Agrícola, em 1926, Conselheiro do Interventor Ari Parreiras, em 1930, Consultor Jurídico do Ministério do Trabalho, de 1932 a 1940, e Ministro do Tribunal de Contas da União, de 1940 a 1951. Além disso, participou da Comissão revisora das leis da Justiça do Trabalho, em 1939.

⁸ O arquivo privado e a biblioteca pessoal de Oliveira Vianna encontram-se na Casa de Oliveira Vianna, instituição localizada na Alameda São Boaventura, Fonseca, Niterói, e mantida pela FUNARTE/RJ. O arquivo e a biblioteca sugerem uma “escrita autobiográfica” e apontam para a “fabricação” de uma memória postumamente elaborada por seus herdeiros intelectuais. Estes aspectos foram analisados por mim na elaboração da tese de doutorado intitulada “Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna (188-1951)”, defendida na UFRJ, em julho de 2003.

vezes, um estímulo para a elaboração de novos textos⁹, tendo servido de inspiração¹⁰ para o exercício intelectual de Oliveira Vianna. As solicitações de artigos e textos para revistas e/ou para compor obras de autoria coletiva, além de diversas encomendas de artigos para jornais, funcionaram, freqüentemente como um incentivo para o prosseguimento da reflexão e do trabalho desse intelectual.

Consultando sua correspondência, pode-se verificar que há uma série de demandas para revistas literárias e científicas dos mais diferentes gêneros e tendências político-ideológicas.

Em carta datada de 01 de junho de 1931, San Tiago Dantas pergunta a Oliveira Vianna sobre a possibilidade de enviar um artigo de sua autoria para o jornal *A Razão*:

Caro amigo Dr. Oliveira Vianna,
Venho com prazer anunciar-lhe que “*A Razão*” já está agora em vésperas de aparecer, e que eu estou para lembrar a sua magnífica promessa de nos dar uma colaboração

⁹- George Duby, ao relatar sua trajetória profissional, destaca o papel dos editores e dos trabalhos encomendados no desenvolvimento de suas investigações científicas, afirmando:

“(…) resolvi levar adiante a investigação. Por inclinação natural, porque gosto de escrever história. (...)Mas também porque fui solicitado. Cabe aqui necessariamente um elogio aos editores de todos os tipos. Bem aconselhados, alguns deles me estimularam, insistiram em que prosseguisse, indicaram-me objetivos a perseguir. Abalaram com persistência e minha indolência”. Ver: DUBY, Georges. *A história continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed./ed. UFRJ, 1993, p.71.

¹⁰- A noção de “inspiração” descrita aqui como resultado do trabalho de leitura e troca de informações foi desenvolvida por Peter Stallybrass no texto “*La matérialité de l’écriture, 1450-1600*” apresentado no seminário do professor Roger Chartier na école des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, em julho de 2001. Segundo as palavras do autor, “Quand Shakespere écrivait une pièce, à mon avis, il ne “réfléchissait” pas. Il ouvrait sur sa table our sur bureau (dont malheureusement nous ne savons rien) le chroniques de Raphael Holinshed, s’il écrivait une pièce sur l’histoire d’Angleterre, de même que d’autres chroniques historiques, et des livres plus banals, tels que la traduction d’Ovide et de virgile, des passages de Marlowe et de Sidney, etc. L’inspiration, autrement dit, ne vanait pas des profondeurs de l’âme mais de l’analyse de textes et de sa propre mémoire; elle provenait de lecture et de conversations”.

periódica.

Pretendemos começar a publicação do jornal no dia dez, mais ou menos, e seria para nós uma incomparável alegria ainda poder contar para o primeiro número com a sua colaboração.

A direção da revista, de caráter anticomunista, via em Oliveira Vianna um aliado, como se percebe no trecho abaixo da mesma carta:

São Paulo, mais do que nunca está precisando do senhor, como de todos os que abrem caminhos seguros, nesta hora tão confusa, tão indecisa da vida brasileira. O comunismo e o separatismo embriagam a mocidade e os homens já formados. A compreensão do Brasil, a sua visão objetiva, real, é, como o senhor vem dizendo há tantos anos, nosso único caminho da salvação. E nós precisamos ouvir agora novamente essa verdade, que nos chegará aumentada pelas profundas ressonâncias do ambiente em pânico em que estamos.

O nosso jornal terá talvez esse papel magnífico, de fazer ouvir em São Paulo, as vozes dos grandes “clérigos” do espírito brasileiro, que falam aos “leigos” de todo país. Como espero ir ao Rio ainda antes de sair *A Razão*, terei o prazer de vê-lo e, se for possível, de receber do senhor o primeiro artigo, com que se iniciará sua colaboração.

Por hora desejo exprimir-lhe o nosso profundo agradecimento pela confiança e pelo prestígio, com que o senhor auspícia o nosso jornal. E apresentando-lhe as saudações de Dr. Alfredo Egydio de Souza Aranha, nosso diretor, e de Plínio Salgado, quero mais uma vez exprimir-lhe, Dr. Oliveira Vianna, os meus protestos de grande admiração e profundo respeito, por quem é hoje um dos maiores mestres do espírito e da mocidade brasileira.

San Tiago Dantas

Ainda nesse mesmo ano, em carta de 09 de novembro, enviada de Paris, Ribeiro Couto¹¹ solicita uma contribuição

¹¹ - Ribeiro Couto nasceu em Santos, São Paulo, em 12 de março de 1898, e faleceu em Paris, França, em 30 de maio de 1963. Coursou a faculdade de Direito de São Paulo, trabalhando no Jornal do Comércio, em 1916, e depois no Correio Paulistano. Transferiu-se para o Rio de

de Oliveira Vianna para publicação na revista portuguesa *Descobrimto*. Diz ele:

Meu querido mestre e amigo Oliveira Vianna, Aparece em Lisboa, de três em três meses, uma revista de cultura, de excelente apresentação intitulada *Descobrimto*. Tenho o encargo de obter colaboração brasileira para ela. O Alberto Rangel, por exemplo, colabora no número 3 (a aparecer esses dias). Vou mandar-lhe um exemplar. Estas linhas são para pedir-lhe encarecidamente que me remeta um capítulo inédito de um de seus livros em preparação, ou um ensaio sobre qualquer assunto para essa revista. Imagine que quando fui convidado para dirigir a colaboração brasileira, prometi logo um trabalho seu, pois você é o maior nome da sociografia brasileira e um dos seus ensaios nos daria uma excelente posição naquela revista. Trata-se do interesse exclusivo do Brasil, para o qual e pelo qual você trabalha sempre luminosamente. Conto com você, em nome de uma velha e sólida devoção, que é também amizade. Manda-me?

A correspondência também expõe a colaboração de Vianna com os órgãos de divulgação das idéias dos pensadores católicos. Em carta de 18 de outubro de 1932, Alceu Amoroso Lima propõe a Vianna que envie uma colaboração para a revista *A Ordem* - periódico que havia sido criado em agosto de 1921 -, por Jackson de Figueiredo¹², fundador também do

Janeiro e, em 1919, bacharelou-se na faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Designado para o posto de auxiliar do Consulado em Marselha, partiu em fins de 1928 para aquela cidade francesa, onde o cônsul-geral o indicou para o vice-cônsul honorário. Em 1931, foi removido para Paris, onde serviu um ano como adido junto ao consulado geral. O governo provisório, por designação do ministro Afrânio de Melo Franco, em 132, promoveu-o a cônsul de terceira classe. Foi 2º secretário da legação na Holanda, de 1935 a 1940; 1º secretário da legação, em 1942; encarregado dos negócios em Lisboa, de 1944 a 1946; ministro plenipotenciário na Iugoslávia, de 1947 a 1952; embaixador do Brasil na Iugoslávia, de 1952 até aposentar-se. Durante sua permanência na Europa, ocupou-se também de divulgar a literatura brasileira. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, em 28 de março de 1934.

¹². Jackson Figueiredo nasceu em 1891, na cidade de Aracajú. Mudou-se em 1909 para Salvador, onde cursou a faculdade de Direito. Após concluir o curso, partiu para o Rio de Janeiro e tornou-se, em 1918, proprietário da Livraria Católica. Morreu no Rio de Janeiro, em 1928.

Centro Dom Vital. Ao longo dos anos 20, esses órgãos tornaram-se responsáveis pelo início de um longo processo de revitalização do catolicismo. O centro, assim como a revista, buscava reunir a inteligência católica tendo em vista promover a campanha por suas idéias. Ângela de Castro Gomes aponta a importância desses órgãos e dos intelectuais católicos, ao longo da Primeira República, como estratégica para o que ela denominou catolicização do país:

As figuras exponenciais e referenciais desta bem cuidada investida foram, além do Cardeal Leme, os líderes leigos Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima, envolvidos na direção da revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital, particularmente atuantes durante as décadas de 20 e 30¹³.

Essa mesma autora, ao analisar o ambiente intelectual do Rio de Janeiro durante os primeiros anos do século XX, ressalta a convergência desse movimento de militância católica, que se desenvolvia, com outros movimentos intelectuais do período, como a simbologia. Segundo ela,

(...) o Rio de Janeiro dos anos 10 torna-se uma cidade importante para a montagem de uma rede intelectual que se reconhece como pertencente a uma tradição simbolista. Essa tradição mística e espiritualista, contudo, não pode ser mecanicamente associada ao boom da militância católica que então começava a se desenvolver. Entretanto seria impossível não assinalar a convergência, bem como os laços que passam a unir trajetórias de alguns intelectuais simbolistas e católica de então. São tais conexões que nos permitem transitar do simbolismo ao modernismo; do início do século aos anos 20 e 30; e de outros estados do Brasil à capital federal¹⁴.

Entre os intelectuais que aproximavam as tendências simbolista e católica estava Tasso da Silveira. Ele nasceu em 1895, filho do poeta simbolista e diretor da revista *Cenáculo*¹⁵, Silveira Neto. Em 1916, já no Rio de Janeiro, Tasso

¹³ GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio. Modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro, FGV, 1999, p. 31.

¹⁴ GOMES, Ângela de Castro . op.cit. p. 39

¹⁵- A revista *Cenáculo* promoveu um grande impulso no desenvolvimento simbolista em Curitiba, através da ação de seus principais colaboradores:

da Silveira estabeleceu contatos com vários intelectuais, como Jackson de Figueiredo, sobre quem escreveu um ensaio literário. Anos mais tarde, associado ao seu amigo Andrade Muricy¹⁶, Tasso participou da montagem de algumas revistas literárias, entre elas *América Latina*, em 1919; *Árvore Nova*, EM 1922, e *Terra do Sol*, em 1924.

Foi justamente para solicitar uma colaboração para a revista *Terra do Sol* que Tasso da Silveira escreveu a Oliveira Vianna, em 08 de novembro de 1925. Não seria esse o primeiro trabalho de que os dois participariam juntos. No ano anterior – 1924 – Vicente Licínio havia organizado um livro denominado *À margem da história da República*¹⁷, que contou com a participação de Tasso da Silveira e de Oliveira Vianna, além de outros colaboradores como Alceu Amoroso Lima, Pontes de Miranda e Ronald de Carvalho.

A revista *Terra do Sol* que expressava um grande interesse pelo pensamento social brasileiro e possuía postura bastante nacionalista, recebeu artigos de colaboradores como Rocha Pombo, Vitor Vianna, Amadeu Amaral e Elysio de Carvalho.

Esse último também está entre os que buscaram a colaboração de Oliveira Vianna para a composição de revistas literárias. Elysio de Carvalho era tradutor, crítico e ensaísta. Foi um dos grandes divulgadores da obra de Wilde no Brasil e escreveu diversas crônicas, nas quais descrevia a boemia do Rio de Janeiro utilizando um estilo carregado de termos estrangeiros. Ao lançar a *Revista Nacional*, ele escreveu a Vianna solicitando um artigo:

Prezado confrade,
Tenho o prazer de comunicar-lhe que durante o mês de

Emiliano Pernetá, Julio Pernetá, Dario Veloso e Silveira Neto.

¹⁶- Andrade Muricy é considerado, segundo A. De Castro Gomes, um dos maiores estudiosos do simbolismo no Brasil. Paraense como Tasso da Silveira, eles eram muito amigos. Cursaram juntos o ginásio Paraense e a Faculdade de Direito do Paraná. Ambos vieram para o Rio de Janeiro em meados dos anos 10. No Rio, Muricy viveu da crítica musical e literária.

¹⁷ CARDOSO, Vicente Licínio (org.). *À margem da história da República*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1924

abril vindouro aparecerá nesta capital o primeiro número da *Revista Nacional*. Concebida nos moldes da *Outlook* de New York, essa publicação mensal terá o caráter do mais elevado e significativo expoente da cultura brasileira em varias modalidades. A nossa metrópole não dispensa hoje a contribuição desse instrumento de cultura e nacionalismo e, para suprir essa lacuna, dado o nosso desenvolvimento econômico, científico e literário, um grupo de homens de letras a cuja frente se acham Celso Vieira, Carneiro Leão, Carlos Pontes, José Mariano Filho e o abaixo assinado, tomou a iniciativa de sua elaboração. Além do comentário elucidativo e orientador de todos os aspectos da vida brasileira e internacional, a *Revista Nacional* estamparia estudos ou artigos pelos maiores nomes que ilustram nossa atualidade, contando desde já com a colaboração permanente do Sr. Pedro Lessa, Assis Brasil, Oliveira Lima, Carlos de Laet, João Ribeiro, Azevedo Amaral, Roquete Pinto e outros muitos. Transmitindo-lhe essa notícia, faço em nome de todos os meus colegas de direção, um apelo a sua dedicação e seu patriotismo, a fim de tomar posto entre nossos colaboradores efetivos. Certo do seu valiosíssimo concurso, pelo qual a *Revista Nacional* antecipa a expressão de seu máximo reconhecimento, devo comunicar-lhe que é desejo de todos nos que seu nome figure desde o primeiro número nos sumários da revista. Inútil dizer-lhe que a *Revista Nacional* está aparelhada para remunerar essa colaboração (...) Aguardando a sua resposta aproveito o ensejo para apresentar-lhe os meus protestos da mais forte admiração meu particular apreço.

Elysio de Carvalho

A solicitação de Elysio de Carvalho foi prontamente aceita por Oliveira Vianna, com se pode observar pela carta enviada nove dias após a primeira:

Prezado confrade Dr. Oliveira Vianna,
Acuso o recebimento de sua carta datada de 25 do corrente. Os diretores da *Revista Nacional* ficam penhorados com o acolhimento que dispensou à sua iniciativa que pretendem levar a cabo e estavam bem certos de que outra não seria a atitude de seu nobre espírito. Todos nos temos em alta conta a sua mentalidade e somos acordes em considerá-lo o mais brilhante e mais profundo dos sociólogos brasileiros.

Bem vê, meu caro confrade, que, assim sendo, não poderia a *Revista Nacional* dispensar o seu valiosíssimo concurso e espera que seu nome figure no sumário de seu primeiro número. (...)

Sem outro motivo, aproveito o ensejo para dizer-lhe que tem o direito de contar com a minha simpatia e a minha forte admiração.

Elysio de Carvalho

A correspondência de Oliveira Vianna permite ainda identificar outras revistas que igualmente solicitaram trabalhos seus. Em carta datada de 03 de maio de 1932, Candido Motta Filho envia a Vianna, exemplares da revista *Política*, que ele havia fundado em São Paulo, e meses depois, em nova carta de 26 de outubro, solicita sua colaboração para esse periódico.

Mas as cartas recebidas por Vianna demonstram que as solicitações de seus trabalhos não se limitaram aos periódicos citados. Além deles, artigos de Vianna foram também requeridos por Anísio Ribeiro, em 30 de agosto de 1932, para compor a revista *Arquivo*; por Pantaleão Pessoa, em 19 de julho de 1935, para a *Revista Militar do Brasil*, por Oswaldo Vianna, em 22 de abril de 1939, para a revista *A Planície*; por Roland Cerbini em carta de 07 de setembro de 1948, para o jornal *O Colégio* e por Montan Leite, para a *Revista de Criminologia de Medicina Legal*.

Ao consultar essa coleção de cartas, pode-se perceber que as encomendas de trabalhos partiam de grupos distintos. Através delas, identifica-se que a rede de relações profissionais foi urdida em torno de Vianna por componentes dos mais diversos grupos: do pensamento católico ao modernismo, dos militares e conservadores aos liberais. Embora a seriedade do trabalho intelectual exigisse de Vianna uma intensa atividade de leitura – e o conseqüente recolhimento que ela impõe – ele não eliminava a necessidade de organização simultânea de uma rede de sociabilidade profissional e pessoal. Foi através das cartas que amigos e colaboradores solicitaram a contribuição de Vianna para a elaboração de novos trabalhos, e foi também,

pela via epistolar que ele teceu e manteve suas relações profissionais e de amizade.

Entre os editores de revistas e periódicos que solicitaram contribuições de Vianna, um grupo se destacou: o d’*O Estado de São Paulo*. Num raro depoimento autobiográfico, é o próprio Vianna que relata o significado deste grupo na sua trajetória editorial. Segundo ele, foi a aproximação com os paulistas que lhe abriu as portas ao mundo editorial:

Das colunas d’O Paiz me chamaram os paulistas: Pinheiro Junior¹⁸ e Plínio Barreto¹⁹ – para a Revista do Brasil; e, depois Monteiro Lobato – para a grande publicidade dos livros (pois devo a Lobato a primeira edição das Populações Meridionais). Foram estes os espíritos generosos e desinteressados, os gênios bons e benfazejos que assistiram aos meus começos literários²⁰.

Escrever para a *Revista do Brasil* era, na Primeira República, o sonho de muitos intelectuais, visto que este periódico havia se tornado uma das mais importantes publicações da época²¹. Seu objetivo de fazer uma fotografia completa do Brasil por meio da colaboração de vários intelectuais e escritores promoveu seu sucesso editorial, fazendo com que a revista contasse com a participação de autores de matizes diversos, desde os grandes nomes da chamada “geração de 1870”, passando pelos intelectuais

¹⁸ José Machado Pinheiro Junior era bacharel em Direito, diplomado pela faculdade do Largo de São Francisco. Ele trabalhou como redator de *O Estado de São Paulo* ininterruptamente, de 1909 a 1944. Redigiu, entre 1918-1939, as seções Coisas da Cidade (diária) e Revista das Revistas (semanal). Ver: MELO, Luis Correia de. *Dicionário dos Autores Paulistas*. São Paulo: Comissão do Centenário da cidade de São Paulo, 1954, p 476 e LUCCA, Tania de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) Ação*. São Paulo: USP, 1996 (tese de doutorado). p. 27.

¹⁹ Plínio Barreto foi revisor no jornal *O Estado de São Paulo*, em 1886, quando ainda era estudante de direito. Posteriormente passou a redação tendo sido: repórter, redator, redator-chefe e diretor.

²⁰ TORRES, Vasconcelos. *Oliveira Vianna: sua vida e sua posição nos estudos brasileiros de sociologia*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1956, p. 38.

²¹ LUCCA, Tânia de. op.cit. 1996, p. 59.

católicos, pelos pensadores autoritários e pelos modernistas.

Assim, ao aceitar, em 1917, o convite para participar do corpo de colaboradores da *Revista do Brasil*, Oliveira Vianna passou a integrar o que poderia se considerar o principal periódico cultural do país na época.

A colaboração de Vianna na *Revista do Brasil* foi bastante freqüente. Logo, em 1917, primeiro ano em que essa colaboração se deu, ele escreveu dois textos intitulados *Populações meridionais do Brasil I e II*, e mais dois outros artigos, ambos intitulados *Psicologia das revoluções meridionais*. Essa intensa participação fez com que Vianna se tornasse um dos autores mais publicados na revista ao longo de 1917, juntamente com Monteiro Lobato e Medeiros e Albuquerque, atrás apenas de Godofredo Rangel, que publicou, ao longo daquele ano, seu romance *Vida ociosa*, em capítulos mensais.

Porém, a participação de Oliveira Vianna na *Revista do Brasil* não foi sistemática somente em 1917. A partir de 1918, momento em que Monteiro Lobato se tornou proprietário da revista, os laços que naquele momento já o uniam a Vianna estreitaram-se ainda mais e a colaboração de Vianna na *Revista do Brasil* manteve-se freqüente.

Monteiro Lobato assumiu a *Revista do Brasil* quando o periódico passava por dificuldades financeiras. O grande prestígio intelectual que a revista amealhara não significava sucesso comercial. A revista acumulava prejuízos e, já há algum tempo, Lobato desejava tomar a frente do periódico, acreditando poder transformá-lo num sucesso editorial e comercial. Em carta a Godofredo Rangel, manifestava claramente esse desejo:

Lá pela Revista do Brasil tramam coisas e esperam a deliberação da assembléia dos acionistas. Querem que eu substitua o Plínio na direção; mas minha idéia é substituir-me à assembléia, comprando aquilo. Revista sem comando único não vai²².

Quando, em junho de 1918, Ricardo Severo, presidente

²² LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1959, p. 365.

da sociedade anônima proprietária da revista, fez, na assembleia dos acionistas, um diagnóstico nada alentador da situação financeira da empresa, Monteiro Lobato acabou por adquiri-la. Assinalou Ricardo Severo:

Houve um erro original na organização da empresa, erro apenas sob o ponto de vista da textura financeira. Parece-me que não deveríamos ter-nos congregado em coletividade anônima, de capital parcelado em pequenas cotas de numerosos acionistas, e porque, das dificuldades que sobrevieram para a integralização do capital social, provieram as primeiras e contínuas dificuldades desta empresa de literatos. Deveria, quando muito, ter-se constituído sob a forma de parceria ou grupo mínimo de associados, que desde o começo realizasse o capital base, (...) Como, porém, assim não foi desde o princípio, avolumou-se extraordinariamente o passivo, sem que o capital social concorresse senão com uma reduzida porcentagem e desta sorte estabeleceu-se o desequilíbrio²³.

Por cinco contos de réis²⁴, Monteiro Lobato adquiriu a revista tornando-se seu único proprietário. Imediatamente

²³ SEVERO, Ricardo. Relato da situação financeira da sociedade anônima Revista do Brasil. *Revista do Brasil*, n.30, vol. VIII, junho de 1918, pp. 215-216.

²⁴ Segundo informação dada por Carmem Lucia de Azevedo, Marcia Camargos e Vladimir Sachetta, no livro *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*, a revista foi adquirida por este valor. Dizem eles: “(...) [Monteiro Lobato] resolve concretizar a compra, efetivada em junho de 1918 através da escritura passada no 1º Tabelionato da capital, de Filinto Lopes. Por cinco contos de réis, Lobato adquiria o seu ativo – incluindo móveis, o estoque de exemplares e o título, avaliados em torno de três contos-, além de um passivo que girava por volta de dezesseis contos”. Ver: AZEVEDO, Carmem Lucia de, CAMARGOS Marcia e SACHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora Senac, 1998, p. 120. Entretanto, Alice Mitika Koshiyama, no livro *Monteiro Lobato, intelectual, empresário, editor*, afirma que o montante da venda chegou a dez contos de réis: “Monteiro Lobato editor começou comprando, por dez contos, a propriedade da Revista do Brasil. Ela apresentava um balanço deficitário, tendo no ano findo acusado um passivo de dezesseis contos para um ativo de apenas três”. Ver: KOSHIYAMA, Mitika. *Monteiro Lobato, intelectual, empresário, editor*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982, p. 68.

após a compra, que ocorreu em junho de 1918, Lobato iniciou o processo de reorganização da empresa com vistas a torná-la rentável: ampliou o espaço dedicado à criação literária, com vistas a tornar a revista mais leve, solicitou a colaboração dos leitores, desenvolveu a propaganda visando a aumentar o número de assinantes, modernizou o sistema de distribuição enviando uma circular aos agentes de correio pedindo o endereço de estabelecimentos comerciais de quaisquer tipos que pudessem vender as suas revistas. Dessa forma, Lobato multiplicou os pontos de venda e ampliou o número de assinantes, o que acabou resultando em compensações financeiras. Em julho de 1919, o balanço anual da *Revista do Brasil* já acusaria um ativo de 70 contos e nenhum passivo²⁵.

Logo no primeiro número, sob a propriedade de Lobato, em julho de 1918, Vianna publicou um artigo intitulado “As pequenas comunidades mineiras”²⁶. Mantinham-se, assim, bastante constantes os contatos entre Vianna e o grupo deste periódico. A produção de Vianna, remunerada, era cada vez mais valorizada, pois, segundo os editores, ela representava a certeza de boas vendas. Em carta datada de 03 de setembro de 1918, Pinheiro Júnior, naquele momento gerente do periódico, escrevia a Vianna:

Prezado Dr. Oliveira Vianna
Segue com esta [gratificação] o último número da Revista do Brasil, acompanhado de um projeto em que o distinto amigo há de encontrar por força alguma tese que lhe agrade, a fim de a desenvolver na Revista. O seu último trabalho foi, como os anteriores, muitíssimo apreciado. Já recebemos mesmo pedidos de todos os números da revista em que o amigo colaborou. Já vê, pois, que não nos deve deixar por muito tempo sem a sua colaboração.
Aqui fica sempre as suas ordens, o amigo e admirador
Pinheiro Jr.²⁷

²⁵ KOSHYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato, intelectual, empresário, editor*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982.

²⁶ VIANNA, Francisco José de Oliveira. “As pequenas comunidades mineiras”. *Revista do Brasil*, número 31, vol. VIII, de julho de 1918.

²⁷ Carta de Pinheiro Junior a Oliveira Vianna, de 03 de setembro de

A resposta de Vianna à carta de Pinheiro Júnior não se fez esperar. Nela, Vianna elogiou o esboço do programa da revista e comprometeu-se com o envio de mais trabalhos, o que levou Pinheiro Júnior a escrever, uma semana mais tarde:

(...) Muito agradecido também pelo que nos diz sobre o prospecto da revista. O programa que tão agradavelmente o impressionou, foi elaborado por Monteiro Lobato.
(...) Sem mais, por enquanto, aqui fica a espera de boas notícias suas, e de seus trabalhos prometidos à revista, o amigo e admirador
Pinheiro Junior²⁸

Possuir admiradores entre os editores da *Revista do Brasil* e dirigentes do jornal *O Estado de São Paulo* era importante para Vianna num momento em que esse intelectual utilizava a grande imprensa e os periódicos especializados para a divulgação de suas idéias. Esse procedimento, comum aos intelectuais da época, pavimentava o caminho que o levaria à publicação de seu primeiro livro e permite matizar a opinião de que Vianna, ao escrever *Populações Meridionais do Brasil* era um ilustre desconhecido do mundo intelectual²⁹. Vianna se fazia conhecer criando vínculos de cumplicidade com editores, críticos e público, o que levava sua produção a ser reconhecida e legitimada antes mesmo da sua estréia em livro. Por meio desses periódicos, Vianna fazia-se conhecer e reconhecer, tornando sua produção passível de apreciação também em outras instâncias de legitimação do campo intelectual.

1918. Arquivo pessoal de Oliveira Vianna. Série correspondências. Pasta Pinheiro Junior.

²⁸ Carta de Pinheiro Junior a Oliveira Vianna, de 10 de setembro de 1918. Arquivo pessoal de Oliveira Vianna. Série correspondências. Pasta Pinheiro Junior.

²⁹ José Murilo de Carvalho comenta: “É preciso (...) explicar porque *Populações Meridionais* foi um livro tão influente e ao mesmo tempo tão polêmico. Até sua publicação, o autor, Francisco José de Oliveira Vianna, era um completo desconhecido do mundo intelectual brasileiro e fuminese”. CARVALHO, José Murilo de. “As duas cabeças de Oliveira Vianna”, p. 2. (mimeo)

Foi também Pinheiro Júnior que, ao escrever em 1919, sobre colaboração para o jornal *O Estado de São Paulo*, destacou o fato de Vianna já haver se tornado, nesta época, legítimo colaborador de veículos de grande influência no espaço intelectual: *O Paiz*, *A Revista do Brasil* e o jornal *O Estado de São Paulo*:

Meu caro Dr. Oliveira Vianna

Só hoje posso responder a sua prezada carta de 6 do corrente, acerca de sua colaboração para O Estado. O seu bilhete postal que neste momento nos chega as mãos, coincide com esta resposta e com a publicação de seu magnífico artigo.

(...)

Como já hoje mesmo deve ter visto (se é que lê O Estado todos os dias), o seu artigo não só foi aceito, como foi publicado logo, enquanto outros numerosíssimos esperam a sua vez, já compostos na oficina. Isso dá bem a medida do apreço em que o temos aqui no “Estado”, como é visto em todas as rodas intelectuais. O nosso redator-chefe, o sr. Nestor Pestana, já o conhece há muito, da leitura e se refere ao meu amigo com muitos louros, não só ao seu estilo como aos assuntos que escolhe, e sobretudo à superioridade de vistas com que os encara. (...) Foi muito apreciado o seu trabalho sobre “os antigos paulistas”, de sorte que o meu amigo já está muito bem lançado. Aliás muita gente já o conhece através do Paiz e da Revista do Brasil.

Com muita consideração, estima e grande admiração , do seu amigo

Pinheiro Junior³⁰

Na carta guardada no arquivo pessoal, Oliveira Vianna assinalou o segundo parágrafo citado que destaca o fato de seu texto ter passado na frente de outros na ordem de publicação no jornal. Provavelmente, Vianna via neste trecho da carta de Pinheiro Junior a comprovação de que finalmente conseguia inserir-se no espaço da produção intelectual, pois

³⁰ Carta de Pinheiro Junior a Oliveira Vianna, de 16 de outubro de 1919. Arquivo pessoal de Oliveira Vianna. Série correspondências. Pasta Pinheiro Junior.

passava a ser considerado com distinção entre os demais aspirantes a colaboradores de *O Estado de São Paulo*.

Por meio da carta de Pinheiro Júnior, pode-se entrever a ação de Vianna que, utilizando-se da relação previamente estabelecida com o grupo da *Revista do Brasil*, faz uma proposta de colaboração mais sistemática para o jornal *O Estado de São Paulo*. Nessa proposta, Pinheiro Júnior viria desempenhar o papel de mediador entre Vianna e o periódico, tecendo redes de relações que pudessem levá-lo a alcançar o posto de colaborador regular e remunerado:

O Nestor Pestana recebe com muita satisfação a sua proposta de colaboração nos termos que propõe. É um desejo que os artigos do meu distinto amigo venham a ser os mais freqüentes possíveis – mas como estão compostos numerosos artigos a espera somente de espaço para saírem – o Nestor aguarda para chegar a uma combinação definitiva consigo, que saíam uns tantos artigos antiquíssimos. Pode, pois, ir mandando os seus magníficos, certo de que, se houver alguma demora na publicação, isso é porque a oficina tem numerosos a espera de espaço. (...) Quanto à remuneração, está claro que a sua colaboração não pode ser de outra forma. Mas sobre isso eu me entendo definitivamente com a direção do Estado o que farei por esses dias (...) ³¹

Assim, através do estreitamento dos laços com o grupo do jornal *O Estado de São Paulo*, bem como por meio da manutenção do vínculo de colaborador com a *Revista do Brasil*, Vianna trabalhava para legitimar sua produção diante do grupo de letrados. As relações estabelecidas por ele construíam o caminho que o levaria à publicação de seu livro de estréia, *Populações Meridionais do Brasil*. Os amigos paulistas, ao estabelecerem um juízo positivo sobre seus textos, tornaram, talvez, mais seguramente possível a sua entrada no mercado editorial, passando, de certa forma, da função de críticos de sua obra ao papel de seus editores.

³¹ Carta de Pinheiro Júnior a Oliveira Vianna, de 16 de outubro de 1919. Arquivo pessoal de Oliveira Vianna. Série correspondências. Pasta Pinheiro Júnior.

A editora que viria a publicar os primeiros livros de Vianna foi criada por Monteiro Lobato, tendo surgido como uma atividade subsidiária da *Revista do Brasil*. Em 1918, o sucesso do periódico, e dos negócios em geral levou Lobato a sonhar mais alto e a escrever a Godofredo Rangel: “Tenho esperanças de que desta brincadeira de Revista do Brasil me saia uma boa casa editora”³².

Assim surgiu a “Edições da Revista do Brasil” que começou a funcionar nesse mesmo ano com a publicação de *Urupês*, livro do próprio Lobato impresso na seção de obras do jornal *O Estado de São Paulo* e que viria a ter, ainda neste mesmo ano, uma segunda edição.

Vianna viria a ser um dos novos autores que a editora de Lobato lançaria no mercado. A estréia de Vianna no mercado editorial com a publicação de *Populações Meridionais do Brasil* tornaria a presença desse autor ainda mais freqüente nas páginas da *Revista do Brasil*. Ao longo dos anos seguintes, Vianna publicaria “Origens pastoris da democracia rio-grandense”, no número 75, de março de 1922; “O idealismo na evolução política do Império e da República”, no número 81, de setembro 1922; “Carta a Hilário Freire”, número 95, de novembro 1923; e “Oscilações da taxa de fecundidade durante o ciclo bandeirante”, no número 111, de março de 1925.

As revistas e jornais, e especialmente a *Revista do Brasil*, cumpriram, portanto, um importante papel na trajetória editorial de Vianna: foram eles que possibilitaram sua estréia e reconhecimento no mundo editorial permitindo que ele viesse a se tornar, mais tarde, um dos grandes “intérpretes do Brasil”, referência incontornável quando se trata de pensar o país.

³² LOBATO, Monteiro. op. cit. 1959, p. 186.

Referências

- AZEVEDO, Carmem Lucia de, CAMARGOS Marcia e SACHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora Senac, 1998.
- CARDOSO, Vicente Licínio (org.). *À margem da história da República*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1924.
- CARVALHO, José Murilo de. *As duas cabeças de Oliveira Vianna*. (mimeo)
- DUBY, Georges. *A história continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed./ed. UFRJ, 1993.
- GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio. Modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro, FGV, 1999.
- GOMES, Angela de Castro. O ministro e sua correspondência: Projeto político e sociabilidade intelectual. In: GOMES, Angela de Castro (org.) *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- KOSHYIAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982, p. 75.
- LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1959.
- LUCCA, Tânia de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) Ação*. São Paulo: USP, 1996 (tese de doutoramento)
- PLUET-DESPATIN, Jacqueline. Une contribution à l’histoire des intellectuels: les revues. In: *Sociabilités intellectuelles: lieux, milieux, réseaux. Les cahiers de L’IHTP*. CNRS, mars 1992.
- SEVERO, Ricardo. Relato da situação financeira da sociedade anônima Revista do Brasil. *Revista do Brasil*, n. 30, vol. VIII, junho de 1918, pp. 215-216.
- STALYBRASS, Peter. *La materialité de l’écriture, 1450-1600*. (mimeo)
- TORRES, Vasconcelos. *Oliveira Vianna: sua vida e sua posição nos estudos brasileiros de sociologia*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1956.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. Cafés, revistas e salões: microcosmo intelectual e sociabilidade. In: *Modernismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- VENANCIO, Giselle Martins. *Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna (1883-1951)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003 (tese de doutoramento).
- VENANCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 28, 2001, pp. 23-47
- VENANCIO, Giselle Martins. De Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela História. In: GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

**Da escrita de “bastidores” à mensagem publicada:
revistas culturais e correspondências na trajetória
editorial de Francisco José de Oliveira Vianna**

Giselle Martins Venancio

Resumo: O presente texto analisa a colaboração de Francisco José de Oliveira Vianna - um dos mais importantes intelectuais brasileiros da Primeira República - em periódicos organizados por diferentes grupos político-ideológicos. A investigação centra-se num conjunto de correspondências passivas, depositado no arquivo privado pessoal de Vianna.

Palavras-chave: Francisco José de Oliveira Vianna; Correspondências; Revistas e Jornais; século XX.

Abstract: This paper studies Francisco José de Oliveira Vianna's contributions to several magazines from different ideological-political groups. The research is based on letters received by Vianna, gathered on his personal private archive. Vianna was one of Brazilian First Republican Era most important thinker.

Key-words: Francisco José de Oliveira Vianna; letters; newspapers and magazines; 20th Century.

Artigo recebido para publicação em 06/11/2007

Artigo aprovado para publicação em 18/12/2007